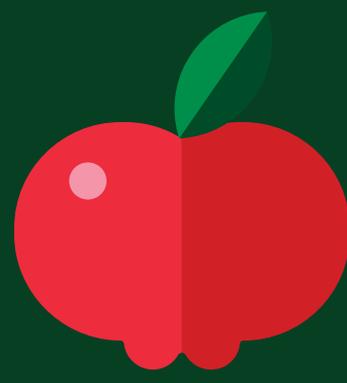
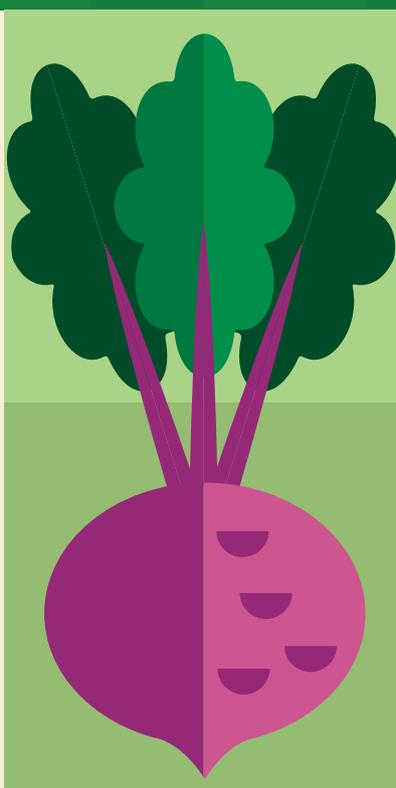
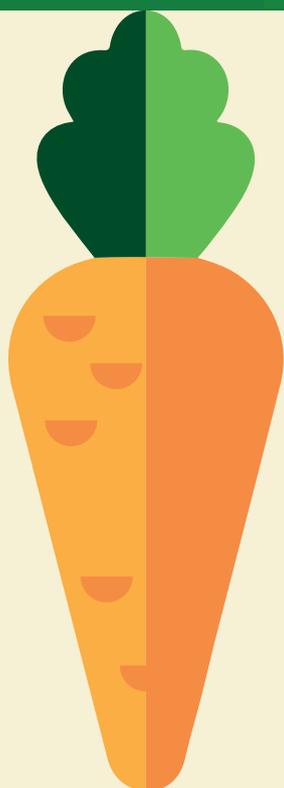


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga o mês foi húmido e quente. A precipitação verificada ocorreu com alguma intensidade na primeira semana do mês resultando benéfica para a reposição dos níveis freáticos e para aumentar a humidade nos solos. Em geral, as condições atmosféricas registadas facilitaram o início da colheita do arroz, a finalização da colheita do milho forrageiro mas atrasaram ligeiramente a colheita do milho grão, o início da sementeira das ervas forrageiras, a finalização das vindimas e o início da colheita da azeitona.

Por sua vez, na zona homogénea do Baixo Mondego, as temperaturas diárias registadas foram amenas, com abaixamento significativo na última semana. A precipitação ocorrida associada a ventos fortes provocou o acamamento de algumas culturas de milho, mais concretamente no Vale do Mondego. Os terrenos encontram-se alagados provocando alguma dificuldade e atraso nas colheitas. Estas condições meteorológicas permitiram, mesmo assim, efectuar algumas colheitas de milho, arroz, azeitona e hortícolas.

No Pinhal Litoral, as temperaturas médias situaram-se entre os 16.ºC e os 27.ºC, e a chuva caiu em mais de metade dos dias do

mês atrasando a colheita de milho grão por impossibilidade de as máquinas entrarem nos terrenos, devido ao encharcamento. O vento foi por vezes forte provocando acama no arroz, afetando a produção.

Nas **zonas de transição**, as temperaturas mantêm-se amenas, exceto nas temperaturas noturnas que estão mais baixas. As condições têm favorecido as novas sementeiras. Nas pastagens espontâneas já é possível pastoreio, devido à rebentação e boa produção de matéria vegetal.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, outubro foi húmido e quente para a época. A precipitação atingiu o acumulado de 153 mm e as temperaturas médias oscilaram entre os 12.ºC e os 20.ºC. Na segunda semana do mês ocorreram ventos muito fortes que afectaram algumas culturas.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as temperaturas foram amenas, ocorreu muita precipitação, ocasionais trovoadas e vento forte nos primeiros quinze dias. O estado de tempo, em geral, foi favorável sobretudo para as sementeiras das culturas forrageiras e de cereais praganosos, para os olivais e sotos de castanheiros. Contudo, a chuva e o vento forte afetaram os pomares de macieiras (grandes quantidades de maçãs caíram e as que permaneceram nas árvores começam a apresentar oxidação).



No Pinhal Sul, o mês de outubro caracterizou-se por temperaturas médias e com pluviosidade distribuída ao longo do mês. As temperaturas médias foram ligeiramente inferiores em (-0,54 °C) em relação a outubro do ano anterior, e com uma precipitação média inferior em (-72,93 mm). Estas condições climáticas permitiram a finalização da colheita de maçã tardia “Pink Lady”. Também se realizaram mobilizações em solos mais secos, onde se efetuaram já algumas sementeiras dos cereais de outono/inverno. Nos solos de baixas, com maior capacidade de retenção de água, ainda não se puderam realizar as mobilizações devido ao excesso de humidade no solo.

Nas **zonas do interior**, as temperaturas foram amenas em geral, alguns dias com valores acima da média para a época e ocorrência de precipitação. Na última semana, verificou-se um acentuado arrefecimento, principalmente nocturno, associado a mais precipitação. De um modo geral, o estado do tempo permitiu a execução das lavouras e sementeiras das culturas de outono-inverno. A conjugação das temperaturas e precipitação verificadas foram também favoráveis para a germinação e início do desenvolvimento das pastagens.

Na Campina e Campo Albicastrense, há que destacar os efeitos da chuva na cultura do feijão que além de interromper a sua colheita, afetou alguma da produção.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de outubro

em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de outubro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições meteorológicas verificadas durante o mês foram favoráveis ao aparecimento/desenvolvimento de algumas pragas e doenças nas culturas, evidenciando-se os seguintes casos:

- Em geral, a azeitona apresenta-se atacada pela mosca-da-zeitona e gafa, em resultado das humidades elevadas e tardes de sol com temperaturas muitas vezes superiores a 20.ºC. Há reportes de casos de perdas totais em alguns olivais, especialmente na variedade *galega*.
- No Pinhal, a castanha alguns produtores sinalizaram a doença da podridão-castanha.
- No Pinhal Sul, nos citrinos, as condições climáticas também têm sido favoráveis a ataques de mosca-do-mediterrâneo (*Ceratitis capitata* Wied), bem como a ataques de mildio (*Phytophthora*). A cultivar de maçã “Golden” e a pera Rocha tiveram ataque mosca da fruta (*Ceratitis*

capitata) na fase final da maturação.

Relativamente aos factores abióticos, não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando os seguintes casos:

- Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões (**zona de transição**), devido às condições meteorológicas verificadas no verão, a maçã apresenta calibre inferior ao normal, e, com a chuva e



vento forte do presente mês, muitas caíram ao chão e as que permaneceram nas árvores começam a apresentar manchas de oxidação e falta de conservação. Também, muitas macieiras caíram com o vento, causando elevados prejuízos. Foram ainda reportados prejuízos, essencialmente, nas vinhas devido aos incêndios.

- No Pinhal Sul (**zona de transição**), as macieiras estão na fase final de colheita, a cultivar “*Pink Lady*”, apresentam um calibre médio, e uma queda acentuada de frutos, causados pelo escaldão que ocorreu em julho/agosto.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de outubro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de atuação da CCDRC, foram:

Citrinos – mosca do mediterrâneo, mildio ou aguado;

Olival – gafa, olho-de-pavão, mosca-da-azeitona (*Bactrocera oleae*);

Pomóideas (macieiras e pereiras) – pedrado (formas hibernantes), fogo-bacteriano (*Erwinia amylovora*).

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, e de um modo geral, estas culturas apresentam um bom desenvolvimento vegetativo pois estão a beneficiar das condições meteorológicas verificadas. Nas espécies pecuárias, a alimentação animal recorre em grande parte, ao pastoreio directo complementada com fenos e palhas, a silagens de milho e rações.

No Baixo Vouga, a colheita do milho forrageiro de sequeiro e de regadio já terminou, prevendo-se uma produção superior relativamente ao ano anterior e uma qualidade semelhante.

No Pinhal Litoral, os prados apresentam bom desenvolvimento vegetativo. Os agricultores do Vale do Lis apresentam preocupação que possam haver inundações dos prados devido à falta de limpeza do rio que no decorrer do ano hidráulico acumulou insuas de areia. As expectativas relativamente à produção são



boas prevendo-se que sejam suficientes para a alimentação animal. Decorrem as sementeiras das culturas forrageiras anuais.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, as condições foram favoráveis à produção vegetal, fazendo com que pastagens espontâneas e naturais começassem a regenerar e a iniciar o seu ciclo vegetativo. É visível o pastoreio extensivo do gado na zona. Os agricultores têm os terrenos prontos para dar início à sementeira, que será sobretudo à base de azevém, aveia e trevo. Regra geral, as áreas manter-se-ão.

No Alto Mondego e na Beira Serra, as culturas pratenses estão com crescimentos bastante bons. Os rebanhos estão a consumir rações industriais de acordo com a produção de leite, em valores equivalentes ao do ano passado.

Quer no Alto e Baixo Dão-Lafões, assim como no Pinhal Sul, as condições foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo das pastagens e forragens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais, permitindo um crescimento significativo de matéria verde. As pastagens espontâneas apresentam boas condições para pastoreio.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam agora um bom aspecto depois da precipitação registada, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Não existem problemas na alimentação dos efetivos, quase não recorrendo a palhas e forragens compradas. As rações apenas são utilizadas em animais de engorda, e

para a produção de leite.

Na Campina e Campo Albicastrense, as chuvas de setembro passado juntamente com as do presente mês proporcionaram uma mudança do estado vegetativo das pastagens, ao despoletarem o início do seu ciclo vegetativo, a apresentarem já um verde intenso. As forrageiras anuais de sementeira outono-inverno também se encontram com óptimo estado vegetativo. As condições de alimentação das espécies pecuárias são normais para a presente época do ano. Para além das culturas forrageiras de primavera/verão também aproveitam os restos das culturas (nomeadamente do feijão) a que se juntam as forragens conservadas (feno e silagem) e as rações.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, as temperaturas amenas para a época associadas à pluviosidade ocorrida em ambas as zonas homogéneas, vieram proporcionar o início da renovação vegetativa dos prados e pastagens permanentes de sequeiro, naturais ou semeados, assim como a boa germinação destes e dos temporários de sequeiro e de regadio agora instalados e das culturas forrageiras de outono/inverno. Exceptuando alguns casos em que foi necessário recorrer a maior quantidade de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, o recurso a estes alimentos foi inferior a igual período do ano transacto (cerca de menos 20%), continuando a recorrer-se em grande parte, ao pastoreio directo para a sua alimentação, complementada com fenos e palhas.



4-g – Preparativos para o próximo ano agrícola. Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras.

Nas **zonas do litoral**, em relação aos preparativos para o próximo ano agrícola e às condições em que decorreram as lavouras e sementeiras foram heterogéneas consoante a região.

No Baixo Vouga, as condições em que decorreram e continuam a decorrer as lavouras e sementeiras são normais.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, as lavouras e sementeiras das culturas de outono/inverno estão atrasadas devido ao alagamento dos solos, provocado pela precipitação, registada ao longo mês de outubro.

No Pinhal Litoral, estão a decorrer as lavouras e em alguns casos já se procedeu à sua sementeira. As condições para as lavouras e sementeiras são normais.

Nas **zonas de transição**, e no Pinhal, os trabalhos no campo tiveram algum condicionamento devido à intensidade das chuvas que caíram, além, do foco durante o mês, ter sido a apanha da azeitona. Nesse sentido as sementeiras das pastagens e forragens decorrerão sobretudo no início de novembro. Já se iniciaram as queimas de sobrantes. Também já se vão realizando algumas podas.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, apesar de chuva que caiu desde o fim do estio, como os solos estavam muito secos, ainda continuam com capacidade de absorção, o que facilita as lavouras, que têm sido feitas sem dificuldade; dada a humidade no solo e as temperaturas acima dos 17°C; a germinação é boa.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as lavouras e sementeiras das culturas outono-inverno já tiveram início, apresentando boa geminação.

No Pinhal Sul, o estado do tempo permitiu a realização das operações de mobilização dos solos para as sementeiras de outono/inverno das culturas forrageiras e consociações, para feno e pastoreio animal. Quanto a sementeiras de cereais praganosos para grão, muitos agricultores alegam que não vão fazer sementeiras, devido à forte infestação de javalis, que têm destruído as culturas de cereais, sobretudo na fase de grão pastoso, próximo do final do ciclo vegetativo.

Nas **zonas de interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, decorrem a bom ritmo as lavouras para as sementeiras do próximo ano agrícola, estando alguma área já semeada.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as sementeiras efectuadas “no pó”, ou às primeiras chuvas, beneficiaram com a pluviosidade apresentando boas germinações e crescimentos. No entanto, a persistência da chuva veio atrasar as restantes sementeiras, principalmente nas terras mais baixas e húmidas.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, as lavouras e sementeiras já iniciaram decorrendo a bom ritmo e em boas condições de solo e clima.



5-h – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas de uva de mesa, pomares de pomóideas, prunóideas, kiwis, frutos secos e olivais de azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, decorre a colheita da castanha, aproximando-se do fim. A produção tem sido heterogénea, com produtores com produções normais, mas outros com queixas quer a nível fitossanitário (podridão-castanha) quer a nível fisiológico (muito ouriço sem castanha vingada ou com uma única castanha). Na noz, devido à presença da mosca da casca verde da noz e às doenças fúngicas potenciadas pela precipitação que ocorreu, parte da produção ficou com a casca verde decomposta e seca, que se colou à casca dura que protege o miolo, perdendo parte do seu valor comercial.

No Alto Mondego e Beira Serra, as amendoeiras encontram-se colhidas e os castanheiros encontram-se no estado fenológico - frutos em maturação início de colheita.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a apanha da avelã está a decorrer e prevê-se que a produtividade seja 15% inferior ao ano passado. Nos soutos de castanheiros começou a apanha da castanha. A qualidade é boa e as chuvas ocorridas recentemente foram determinantes para a recuperação do calibre. Prevê-se que a produtividade seja superior à do ano anterior em cerca de 10%.

No Pinhal Sul, os ouriços caídos apresentam várias castanhas, mas, com pequeno calibre, por serem cultivares de castanheiros antigas. Ainda não são visíveis frutos bichados. Estima-se um aumento da produção em cerca de 20% comparativamente ao ano anterior.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, na amêndoa e na castanha, verifica-se uma ligeira quebra na produção comparativamente ao ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, na amendoeira, parte significativa da área ainda não entrou em produção (plantações novas). Na área que se encontra a produzir estima-se que a produtividade seja cerca de 45% superior à do ano anterior.

Na zona homogénea da Cova da Beira, os amendoais já estão colhidos, com produções idênticas às do ano anterior. A castanha, essencialmente produzida na Serra da Estrela, apresenta produção idêntica ao ano transato, mas com melhor qualidade.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os citrinos, além de estarem em plena produção, estão também em floração devido às temperaturas elevadas que se registaram no início do mês. A precipitação ocorrida, beneficiou a cultura.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os citrinos apresentam um desenvolvimento normal para a época, estando as variedades mais temporãs no estado fenológico de maturação (mudança de cor verde para amarelo/laranja).

No Alto Mondego e na Beira Serra, as laranjeiras encontram-se no estado fenológico - fruto em crescimento.

No Pinhal Sul, nas laranjeiras, com frutos em maturação mais adiantada, verifica-se uma queda de frutos, provocada por ataque de mosca-do-mediterrâneo e subsequentemente ataque de míldio.

• Pomares de Kiwis

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita do kiwi amarelo já terminou, com novos pomares instalados na zona de Oliveira do Bairro. A variedade do kiwi verde ainda não se iniciou a colheita, estimando-se uma diminuição ligeira na quantidade de fruto também afetado pelas condições climatéricas já referidas.

No Pinhal Litoral, a cultura do kiwi encontra-se em fase de colheita, prevendo-se uma quebra de produção de 5%, devido às condições climatéricas que se fizeram sentir na altura da floração e do vingamento, no entanto, espera-se melhor qualidade.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as árvores encontram-se no estado fenológico M - frutos em crescimento. A floração e o vingamento não registaram problemas. Comparativamente com o ano anterior estima-se um aumento da produtividade na Beira Serra e idêntica no Alto Mondego.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, a produção de kiwis apresenta uma quebra de 40% comparativamente ao ano anterior.



• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de prunóideas estão em fase de colheita e prevê-se uma quebra na produção em consequência das baixas temperaturas registadas na fase da floração e vingamento do fruto que, no entanto, não tiveram efeito na qualidade do mesmo.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pessegueiros encontram-se colhidos. Confirma-se a diminuição na produção em cerca de 50%, comparativamente ao ano anterior.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, está concluída a colheita de prunóideas. Nos pomares de pessegueiros, a quebra de produção atingiu cerca de 30% em relação ao ano anterior.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, apesar do escaldão, as prunóideas registam produção ligeiramente superior ao ano anterior.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, os pessegueiros e as nectarinas tiveram uma redução da produção, face ao ano anterior, de cerca de 20%.



• Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, as colheitas de maçã e de pera estão concluídas; ambas apresentam frutos de boa qualidade com bom calibre. Ocorreu um aumento de produção na pera, já na maçã a produção foi idêntica ao ano passado.

No Pinhal Litoral, nas pereiras, a colheita encontra-se concluída. Verifica-se que 20% da produção tem que ser canalizada para a indústria, fundamentalmente devido à *estenfiliose*. Quanto às macieiras, destaque para a produção de *Golden* e *Gala* com quebras próximas de 20%.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se em final de colheita, com calibres menores que no ano passado, sobretudo na região da Beira Serra e, embora pontualmente, no Alto Mondego. Devido ao vento forte ocorrido, caiu muita maçã, pelo que aumentou substancialmente a quantidade de maçã para indústria. As pereiras estão colhidas, confirmando-se uma diminuição na produção. Em relação aos marmeleiros, está concluída a sua colheita confirmando-se a diminuição de produção.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a colheita da maçã está a decorrer, registando-se quebra na produção comparativamente ao ano anterior na casa dos 30% devido a questões fitossanitárias (pedrado e escaldão) provocadas pelas condições meteorológicas ocorridas durante o mês. A maçã apresenta calibre inferior ao normal, muitas caíram ao chão e as que permaneceram nas árvores começam a apresentar manchas de oxidação. Muitas macieiras caíram com o vento, causando elevados prejuízos. A colheita da pera está concluída, e a produtividade é idêntica ao ano anterior.

No Pinhal Sul, a colheita da maçã está em fase de conclusão, com uma perda de 40% na produtividade comparativamente ao ano transato. A colheita de pera já foi colhida e registou-se uma quebra de 60% na produtividade, em comparação com o ano anterior.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as perspetivas de produção nos pomares de pomóideas são de ligeiro aumento relativamente ao ano anterior.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, as macieiras tiveram uma quebra de produção da ordem dos 15%, face à produção do ano anterior. Relativamente às pereiras, verificam-se perdas de cerca de 50% face à produção do ano anterior, na variedade de pera *rocha*, confirma-se que a perda média nesta espécie é de cerca de 40%.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, está a decorrer a colheita da azeitona, em algumas zonas foi antecipada cerca de 10 dias devido a uma maturação mais precoce. A campanha deste ano caracteriza-se por azeite de melhor qualidade e produção ligeiramente inferior à do último ano, resultado da queda de azeitona devido às chuvas fortes ocorridas no final de setembro. O rendimento situa-se entre os 10 a 13%.

Na zona homogênea do Baixo Mondego, iniciou-se no princípio do mês a colheita da azeitona que se irá prolongar até ao próximo mês. A azeitona colhida e o azeite produzidos são de qualidade inferior em relação ao ano passado. Prevê-se um menor rendimento em termos de produção de azeite. A previsão da funda para esta campanha mantém-se idêntica ao ano passado, e prevê-se que seja de cerca de 12/13 kg para cada litro de azeite.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da azeitona realizou-se durante o mês de outubro, sobretudo na primeira quinzena. A precipitação que foi ocorrendo durante o mês obrigou a uma colheita precoce, de modo a evitar que a azeitona se estragasse ainda mais, devido à gafa. O fruto acabou por fundir pouco, quer pela humidade que trazia, quer por ainda não estar no máximo teor de gordura. Quem efetuou tratamentos fitossanitários, pode gerir melhor o momento da colheita, adiando a apanha para depois do período de maior precipitação, tendo menor queda de fruto e uma produção mais sã, resultando num azeite com grau de acidez mais baixo que a maioria dos olivicultores. A quantidade produzida acabou por ser ligeiramente superior ao ano anterior, mas longe de um ano considerado normal. Apesar da maior produção, estima-se que o valor do litro de azeite não deverá descer significativamente, face ao ano anterior.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico em início de colheita. Nota-se uma acentuada diminuição de frutos, que caíram em grande quantidade, devido à ocorrência de vento.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a colheita da azeitona ainda não teve início, porém, as oliveiras apresentam frutos bem desenvolvidos. A precipitação ocorrida beneficiou a azeitona, que apresenta boa qualidade (desenvolvimento do fruto e enchimento da polpa), permitindo concluir por



observação dos olivais e informação dos produtores, que a produtividade vai ser superior, cerca de 50% em relação à última campanha, tanto na azeitona de mesa como para azeite.

No Pinhal Sul, observa-se uma heterogeneidade na produção dos olivais. Os olivais tratados têm uma produção razoável, os abandonados não têm produção. Estima-se que possa ocorrer uma produção superior em 10% em relação à campanha anterior.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os olivais apresentam um ótimo aspeto. No caso dos olivais para azeitona de mesa, foi aproveitada maior quantidade por não terem ocorrido problemas fitossanitários ao longo do ciclo vegetativo.

Na Campina e Campo Albicastrense, a colheita da azeitona já começou, com a maior parte da produção colhida destinada a azeitona de mesa e, canalizando-se para azeite sobretudo a azeitona de menor calibre ou que apresente alguns problemas fitossanitários. No geral os olivais da zona homogénea apresentam produção heterogénea, havendo olivais com muita azeitona, sobretudo os olivais intensivos e super-intensivos a par de outros com pouca, mais frequente nos olivais tradicionais.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a colheita de azeitona para conserva está terminada em ambas as zonas. No caso da azeitona para azeite, está a decorrer a colheita na Cova da Beira e iniciando-se os preparativos para o início da colheita na Serra da Estrela. Prevê-se uma quebra de cerca de 15% na produção relativamente ao ano anterior. A qualidade em termos gerais é boa nos olivais tratados. Nos olivais não tratados, a azeitona está a ficar gafada, prevendo-se quebras mais acentuadas caso chova e se prolonguem as colheitas.

• Vinha

Nas **zonas do litoral**, as vindimas estão concluídas. Apesar das uvas serem de boa qualidade, ocorreu uma quebra na produção em relação ao ano passado que no Pinhal Litoral atinge os 30% em relação ao ano transato.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a colheita da vinha está terminada. Espera-se uma ligeira quebra na produção no Alto Mondego e acentuada na Beira Serra.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, as vindimas estão concluídas, com uma quebra significativa e distinta na produção de uva para vinho, isto é, produtores com percas entre 20% e 40% (média 30%). Quanto à uva de mesa não tem uma área expressiva, sendo maioritariamente para consumo caseiro, mas também se estima uma quebra na produção.

No Pinhal Sul, as vinhas tiveram uma produção inferior relativamente ao ano transato. Quando ocorreram as chuvas em junho, a maioria das vinhas estava desprotegida, pelo que ocorreram fortes ataques de míldio, levando à quebra de produção. Na fase final da maturação, em vinhas com alguma produção, ocorreram ataques de javali, aumentando as quebras de produção para 70%.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, foi um bom ano para as vinhas, houve uma boa produção e a qualidade também é boa. Apesar das primeiras previsões serem de quebra, depois de intensos ataques geada, míldio e oídio, a produção final registou um aumento de cerca de 10%, comparativamente ao anterior.

No geral da Campina e Campo Albicastrense, há diminuição da quantidade de uvas produzidas devido essencialmente ao míldio, sendo exceção as situações em que os tratamentos fitossanitários foram oportunamente realizados. A ausência de chuva durante as vindimas permitiu efectuar-las sem interrupções, para além de ter favorecido a concentração dos açúcares nos cachos.

- **Outros pomares**

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, as romãzeiras e os diospireiros apresentavam algum fruto com escaldão, nas zonas de maior exposição solar. A quantidade de fruto está na linha dos anos anteriores, sendo que a produção na zona é apenas para consumo familiar. Na campanha do medronho, a precipitação associada a temperaturas amenas ajudaram a alguma precocidade no arranque da colheita. A colheita já vai avançada, sendo que esta se estende sempre por várias semanas, devido à heterogeneidade da maturação do fruto. A produção está a ser inferior ao ano anterior, situação agravada pela queda de frutos durante episódios climáticos de precipitação e vento intenso ocorridos ao longo do mês.



6-e – Culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol. Estado vegetativo, disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

- **Arroz**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita da cultura do arroz encontra-se atrasada em alguns locais e já terminada noutros. Devido a um conjunto de condições: chuvas e ventos fortes que originaram a acama, grande incidência de infestantes e doenças (milhã e periculária) na generalidade das parcelas, a sua produtividade e qualidade diminuiu em relação ao último ano. Após a colheita, os agricultores de arroz têm-se deparado com a dificuldade de escoamento do produto resultado das leis de mercado internacional e nacional onde o preço por quilo está nos 0,35 € o qual não cobre os custos de produção.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, as colheitas de arroz estão praticamente finalizadas, prevendo-se uma ligeira diminuição na sua produção. Ocorreu um aumento nos custos de produção em relação à colheita e secagem do arroz, sobretudo devido ao seu elevado teor de humidade.

No Pinhal Litoral, esta cultura encontra-se em fase de colheita, prevendo-se uma diminuição quer da quantidade quer da qualidade, dado que as espigas se encontram com poucos bagos de arroz por falta de vingamento, devido às condições climáticas ocorridas no mês de agosto, com vento e frio durante a noite. Há ainda a salientar que os ventos e as chuvas deste mês também vieram provocar a acama, dificultando assim a colheita. A previsão de quebra de produção é de cerca de 40%.

Nas **zonas do interior**, mais precisamente na zona homogénea da Cova da Beira, está a ser realizado

um ensaio experimental de arroz carolino denominado “Arroz de Terras Altas”, variedade Teti, uma vez que não é cultivado em parcelas alagadas. A rega é feita por aspersão. Trata-se de um ensaio que ocupa uma área total de 31,0 hectares, distribuídos por 3 agricultores. Apresenta em grande parte, um ataque de infestantes, de difícil controlo até ao momento e que estão a comprometer o desenvolvimento da cultura. Neste momento, apenas cerca de 5,0 hectares, apresentam desenvolvimento sem a presença de infestantes, encontrando-se na fase de espigamento.

• Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, na cultura do chícharo, os picos de calor de julho aceleraram o início de colheita, que ainda se prolongou por agosto. A produção enquadrou-se num ano normal, talvez com ligeira quebra pelo atraso na sementeira. Alguns produtores identificaram ataques cinegéticos na cultura. As infestantes que costumam ser uma condicionante na cultura, não afectaram sobremaneira este ciclo cultural.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, estas culturas estão colhidas; com manutenção das produtividades no caso da primeira e com aumento de produtividades na segunda.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, em relação ao feijão, a produção é inferior ao ano anterior. A maioria dos produtores plantam especificamente para autoconsumo e, em muitos locais a produção está comprometida devido aos ataques de várias espécies cinegéticas.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, a maioria das sementeiras de feijão frade foram efetuadas em terrenos de baixas. A germinação foi boa, mas a precipitação que ocorreu na primeira quinzena de junho fez com que as infestantes se desenvolvessem muito rápido, abafando a cultura e afetando a produção, que foi inferior em 50% em relação ao ano anterior. Quanto ao grão-de-bico, também foi afectado pelas infestantes, tendo uma quebra de 80%.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, nalguns casos a chuva impediu a continuação da colheita do feijão, sobretudo daquele que teve sementeira mais tardia, para além de ter deteriorado também algum dele, colhido com muita humidade. Apesar dos contratemplos com a colheita nalgumas explorações devido à chuva, a produção é superior ao ano anterior. Também se aponta para boa qualidade, excepcionando-se obviamente aquele que foi colhido com muita humidade e que teve que ser excluído dos lotes aptos para consumo. À semelhança do feijão, também o grão-de-bico regista aumento de produtividade.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, quanto ao feijão, essencialmente constituído pelo feijão frade produzido na sua maioria em sequeiro, apresentou produções superiores em 30% e 20%, relativamente ao ano anterior, respectivamente. A qualidade também foi melhor.

• Milho

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita do milho grão teve início no mês passado e terminou neste mês, no entanto, a colheita atrasou devido às chuvas que caíram optando-se por esperar que o grão ficasse completamente seco para ser colhido, além de ter acamado devido a ventos fortes (fenómeno natural ocorrido apenas em alguns locais), prevendo-se assim uma produção ligeiramente inferior. Alguns pequenos agricultores optaram por cultivar menor área, resultado da descida de preço no mercado nacional, que ronda os 0,20 €/kg.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, ainda estão a decorrer as colheitas de milho no Vale do Mondego. Os solos apresentam-se encharcados, e os ventos fortes provocaram o acamamento do milho em algumas parcelas do Vale do Mondego, levando a cerca de 10% de perdas. Alguns agricultores ainda não efectuaram as colheitas por estarem a aguardar uma avaliação das seguradoras em relação



aos seguros de colheitas, face aos prejuízos causados pelas condições meteorológicas. Prevê-se uma quebra na sua produção em relação ao ano passado. As condições meteorológicas estão igualmente na origem de um aumento nos custos de produção em relação à colheita e secagem do milho.

No Pinhal Litoral, o milho para grão encontra-se ainda em fase de colheita e as chuvas obrigaram a algum adiamento, devido aos terrenos não permitirem a entrada das máquinas.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o milho que já estava a ser colhido em setembro, mas que nalguns casos o agricultor prolongou para outubro, de modo a aumentar o período de secagem do grão. No entanto, teve de ser colhido antes das chuvas, para facilitar a secagem e evitar perdas.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a área de milho de sequeiro, assim como, a do milho de regadio é, como se esperava dado o desânimo dos produtores pela sistemática destruição da cultura pelo javali, bastante menor que a do ano passado. O milho está colhido e confirma-se um aumento da produtividade no caso do de regadio.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o milho está colhido, com produção igual à do ano anterior, à excepção do milho de sequeiro regional que teve uma quebra de 5% e o milho forrageiro de regadio que teve um aumento de 5%. De referir que a produção está comprometida pelos ataques de javalis.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a colheita do milho regadio decorre. O presente ano agrícola teve boas condições climáticas para a cultura do milho porque durante o estado fenológico da fecundação, fase determinante da produtividade, as temperaturas foram adequadas (< 35.ºC). As produtividades obtidas no milho híbrido regadio (o mais representativo) estão entre 11 000 a 12 000 kg/ha, o que corresponde a um ligeiro aumento (+5%) relativamente ao ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, e em relação à área de milho híbrido de regadio verificou-se que se manteve idêntica no primeiro caso e, inferior no segundo caso. Encontra-se 50% colhido na Serra da Estrela, com produtividades médias estimadas de 14-15 ton/ha. Na Cova da Beira a colheita está mais atrasada, estimando-se produções de 13-14 ton/ha. Espera-se grão de boa qualidade.

• Tomate para indústria

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, a colheita já foi concluída. A produção foi um pouco mais baixa que o ano passado. De referir ainda que os preços também baixaram.

• Disponibilidade de água

De um modo geral, nas três zonas (**litoral, transição e interior**) há total disponibilidade de água para rega, ou seja, não foram encontradas restrições na quantidade de água para rega, pois, as reservas de água estão em níveis normais.



7-a – Produção de vinho: funcionamento das adegas, quantidade e qualidade do vinho produzido, perspectivas de comercialização.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, com as vindimas terminadas, em condições favoráveis de humidade do solo, uma maturação mais equilibrada e ainda uma temperatura amena a qual evitou situações de escaldão, resultou uma campanha bastante positiva em termos de qualidade principalmente para castas precoces e brancas. Na zona da Bairrada destaca-se a casta *baga* (predominante), que originou vinhos e espumantes de excelente qualidade. No entanto, em relação às castas tardias e tintas a produção foi afectada principalmente nas vinhas em encostas sombrias, causando o aparecimento de podridão em maior escala, resultando uma diminuição da sua produção.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, as vindimas terminaram no mês de setembro. A qualidade do vinho produzido é boa e a quantidade é inferior ao ano passado. As perspectivas de comercialização são boas para esta campanha.

No Pinhal Litoral, há a referir que a quebra da produção de vinho é de perto dos 30%, no entanto, o vinho é de qualidade apresentando um grau de 13. As perspectivas de vendas são baixas, existindo ainda vinho da campanha do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, produziu-se menos vinho que no ano anterior, sendo o teor de açúcar relativamente alto, estimando-se vinhos na ordem dos 14% de teor alcoólico. A qualidade da uva não foi a desejável nesta campanha, pelas dificuldades que foram sendo esplanadas nos relatórios anteriores. Casos houve em que a vindima não foi realizada devido à fraca qualidade do fruto. Não existem adegas cooperativas na zona, a produção é sobretudo para consumo familiar, havendo um ou outro caso que canaliza o vinho para a restauração.

Quer na Beira Serra quer no Alto Mondego, a quantidade e a qualidade das uvas para vinificação diminuiu em ambas as regiões homogéneas, pelo que haverá menos vinho e não será de qualidade excepcional.

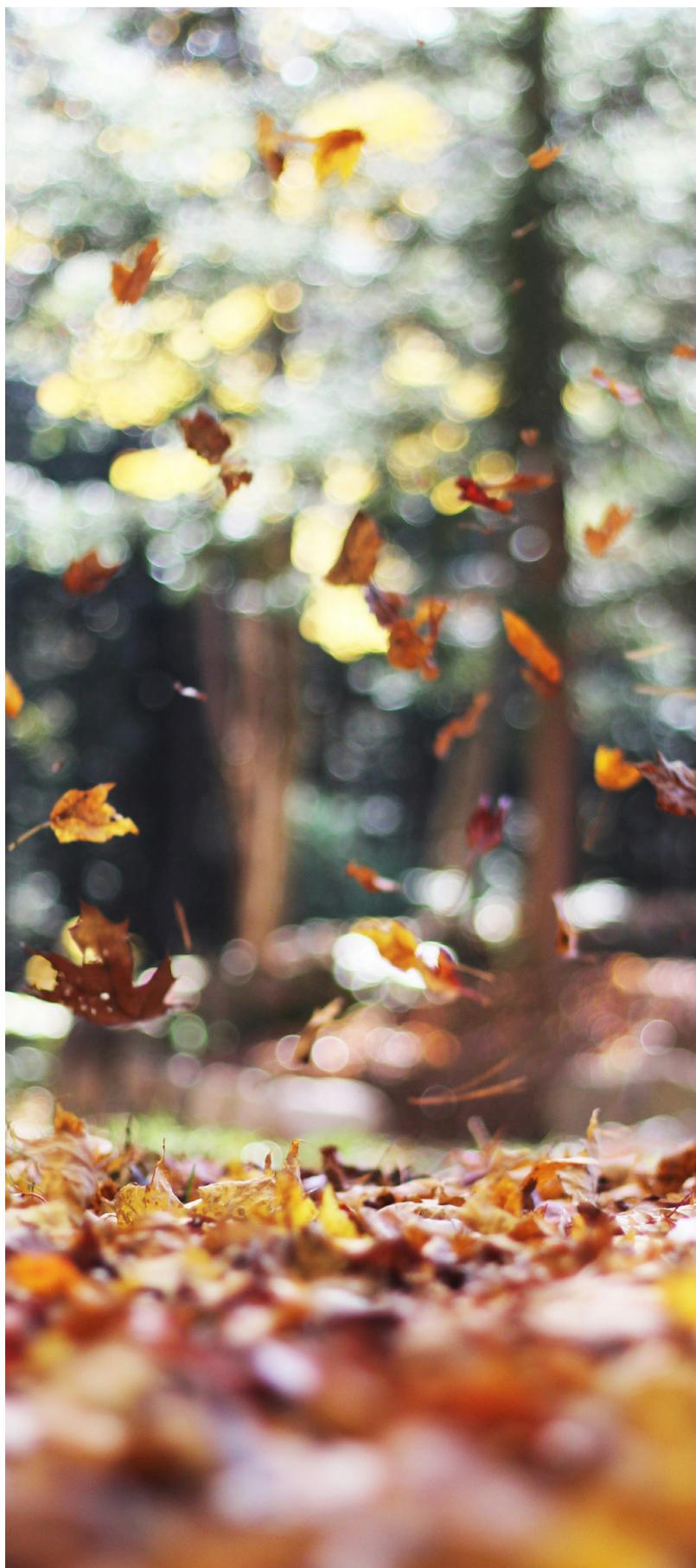
Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as vindimas foram, no geral, realizadas em setembro e as adegas funcionaram normalmente. Verificou-se uma quebra de produtividade na ordem dos 20%, 30% e 40%, dependendo da casta e das zonas. Alguns produtores, cujo vinho produzido é para consumo próprio tiveram uma quebra na produtividade de cerca de 50%. As elevadas temperaturas e reduzida humidade do solo registado no mês de agosto, provocaram escaldão e ataques de mildio e oídio nas videiras, contudo, as uvas que entraram nas adegas são de boa qualidade, esperando-se boa qualidade de vinho.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, a produção de vinho foi inferior ao ano anterior. Quanto à quantidade e qualidade do vinho um produtor com adegas optou por ter menor quantidade, fazendo uma poda curta, mas obtendo melhor qualidade de uva, especialmente nos vinhos brancos. Nesta adega produzem-se vinhos monovarietais de: *Touriga Nacional*, *Alicante Bouschet* e *Syrah*, com um teor alcoólico de (13,5 °). Os Blend fazem-se das misturas destas castas. Um produtor em Modo de Produção Biológica, alegou que teve menos 95% da produção de vinho que em 2023, pois não conseguiu controlar o ataque de míldio e obteve um vinho com menos teor alcoólico (13°).

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, foi um bom ano para a cultura da vinha, tendo-se verificado em geral um acréscimo na produção na ordem dos 10%. O vinho produzido é de boa qualidade, o grau de 13%, todavia, a perceção é a de que a conjuntura não aponta para boas perspectivas de comercialização.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a época vinícola decorreu bem em ambas as zonas homogéneas, sendo que a produção de vinho foi inferior em cerca de 10% e 40%, respectivamente. As perspectivas de comercialização são boas, atendendo à sua qualidade.

Na Campina e Campo Albicastrense, as adegas funcionaram dentro da normalidade. A produção de vinho é inferior ao ano. Apesar da campanha ter tido contratempas a nível fitossanitário, os responsáveis pelas adegas da zona homogénea referem boa qualidade do vinho, nomeadamente ao nível do teor alcoólico. As perspectivas de comercialização são boas.



ANEXO I

Zonas Homogéneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)				
			01 a 31/10	01 a 31/10	Máx.	Min.	Média		
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	48,2	28	23,4	14,4	19,0	
		Anadia	Arcos	232,0	22	22,1	13,6	17,3	
	Baixo Mondego	Montemor-o-Velho	Sabico das Areias	-	-	-	-	-	
		Batalha	Branças	150,2	23	23,1	13,3	17,6	
	Pinhal Litoral	Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-	
		Pombal	Abiul	179,4	20	22,4	13,9	17,5	
		Leiria	Regueira de Pontes	106,0	21	20,5	12,2	16,0	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	195,6	23	27,0	13,3	18,5	
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-	
	Beira Serra	Ansião	Freixo	36,6	12	21,7	12,9	16,6	
		Nelas	C. E. Vitivinícolas	224,0	24	20,8	12,8	16,2	
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	296,6	21	19,8	11,5	15,3	
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	324,0	25	22,1	13,4	16,9	
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	179,2	19	20,7	12,1	15,9	
		Sertã	Cernache	188,2	20	20,8	12,1	16,0	
	Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	157,2	19	21,6	13,3	16,6	
		Oleiros	Oleiros	214,4	20	18,8	11,6	14,6	
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	93,2	16	22,6	11,8	16,7	
		Pinhel	Pinhel	138,6	19	19,9	9,9	14,6	
		Trancoso	Trancoso	203,0	24	16,2	9,9	12,6	
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	178,2	20	19,9	10,8	15,1	
		Guarda	Relvas	140,6	19	20,3	11,8	15,6	
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	184,8	22	17,6	9,0	12,8	
		Almeida	Almeida	145,2	17	18,6	10,6	14,2	
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	176,0	17	21,3	9,9	15,3	
			Covilhã	Lamaçais	153,4	16	22,5	11,1	16,1
		Fundão	Brejo	Brejo	132,2	17	21,0	11,6	15,9
			Alcongosta	Alcongosta	311,4	19	18,2	11,5	14,3
	Campina e Campo Albicastrense	Fadagosa	Fadagosa	130,2	12	21,7	12,5	16,6	
		Idanha-a-Nova	Várzea	-	-	-	-	-	
Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	108,6	17	20,9	9,8	15,1			

Fonte: EMDCARP

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROGRÁFICOS																
31/10/2024																
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm³	Vol. morto hm³	Vol. útil - hm³	Armazenamento total					Armazenamento úti		Descargas nos últimos 7 dias			
						Cota actual	Actual (hm³)	Última leitura (hm³)	Variação (hm³)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm³	%	Descarregador de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,00	0,102	0,102	0,000	↔	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,51	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	683,62	1,502	1,502	0,000	↔	68,3%	1,452	68,3%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,60	0,946	0,026	0,920	143,66	0,946	0,946	0,000	↔	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	482,00	0,120	0,120	0,000	↔	100,0%	0,116	100,0%	sim	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	574,10	3,232	3,232	0,000	↔	66,4%	3,049	66,4%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	799,22	0,520	0,520	0,000	↔	60,9%	0,316	60,9%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	108,37	1,063	1,060	0,003	↑	60,9%	1,063	60,9%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	125,72	1,962	1,962	0,000	↔	50,4%	1,371	50,4%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,24	0,589	0,589	0,000	↔	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354		10,170	10,167			80,7%	9,075	65,8%			

OBSERVAÇÕES/OUTROS:
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

Fonte: CCDRC/DIGRH

CC
DR **CENTRO** . I.P.

WWW.CCDRC.PT

